ADULTOS QUE VIVERAM A MEDIUNIDADE NA INFÂNCIA: UMA ANÁLISE PELA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Adults who experienced mediumship in childhood: an analysis through Analytical Psychology

Adultos que vivieron la mediumnidad en la infancia: un análisis desde la Psicología Analítica

https://doi.org/10.5935/2176-3038.20250020

Recebido: 11.jun. 2025
Corrigido: 25.ago.2025
Aprovado: 01.set. 2025

Maria Luisa Lara Lafeta[40]
Mateus Donia Martinez[41]
Miriam Raquel Wachholz Strelhow[42]

Resumo: O termo "Experiência Anômala" refere-se a uma série de vivências que divergem dos saberes populares e científicos de uma sociedade. No espiritismo kardecista, tais experiências são denominadas "mediunidade", compreendendo que, durante a vivência, há um intercâmbio com espíritos. Embora uma parcela significativa de brasileiros acredite e vivencie a mediunidade, a Psicologia ainda não está teórica e metodologicamente preparada para atender às demandas dessas pessoas, mantendo uma postura distanciada em relação ao tema. Esta pesquisa, de caráter qualitativo e exploratório, teve como objetivo investigar como adultos que vivenciaram a mediunidade na infância significaram suas experiências. Foram considerados aspectos como o contexto de ocorrência, os significados atribuídos às vivências, a rede de apoio, bem como situações de sofrimento e bem-estar. Como instrumento, utilizou-se a entrevista semiestruturada, aplicada na modalidade online com três participantes. A discussão dos dados foi feita a partir de uma análise simbólica e da articulação com conceitos da Psicologia Analítica. Diante dos resultados, constatou-se a influência do contexto para a significação dos fenômenos, sendo o contexto familiar fundamental no período infantil. Relatos de sofrimento e bem-estar foram associados às vivências mediúnicas com atravessamentos particulares em cada caso. A análise dos resultados ressaltou a necessidade de se construir uma Psicologia mais comprometida com a diversidade étnico-religiosa, reconhecendo a legitimidade e importância destas crenças na vida do sujeito e mantendo a neutralidade religiosa ao abordá-las em estudos e práticas profissionais.

Palavras-chave: infância; espiritismo; mediunidade; psicologia analítica.

Abstract: *The term "Anomalous Experience" refers to a range of experiences that diverge from the common and scientific knowledge of a given society. In Kardecist Spiritism, such experiences are referred to as "mediumship", understood as involving an exchange with spirits during the experience. Although a significant portion of Brazilians believe in and go through mediumistic experiences, Psychology is still not theoretically or methodologically prepared to meet the needs of these individuals, maintaining a distanced stance on the topic. This qualitative and exploratory study aimed to investigate how adults who experienced mediumship during childhood made meaning of these experiences. Aspects such as the context of occurrence, the meanings attributed to the experiences, support networks, as well as situations of suffering and well-being were considered. A semi-structured interview was used as the instrument, conducted online with three participants. The discussion was based on symbolic analysis and its articulation with concepts from Analytical Psychology. Based on the results, the influence of context on the meaning-making of the phenomena was observed, with the family context proving fundamental during childhood. Reports of suffering and well-being were associated with mediumistic experiences, with unique nuances in each case. The analysis highlighted the need to build a Psychology more committed to ethno-religious diversity, recognizing the legitimacy and importance of such beliefs in individuals' lives while maintaining religious neutrality when addressing them in studies and professional practice.*

Keywords: *childhood; spiritism; mediumship; analytical psychology.*

Resumen: *El término "Experiencia Anómala" se refiere a una serie de vivencias que se apartan de los saberes comunes y científicos de una sociedad. En el espiritismo kardecista, tales experiencias se denominan "mediumnidad", enten-*

40 Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e aprimoranda em Psicoterapia Junguiana para atendimento de adultos pela PUC-SP. São Paulo, Brasil. Rua Monte Alegre, 984, Perdizes, São Paulo – SP. E-mail: psi.marialuisalafeta@gmail.com. ORCID 0009-0000-2263-0909.

41 Psicólogo pela PUC-SP e doutorando em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Av. Prof. Mello Moraes, 1721 – Cidade Universitária, São Paulo – SP. E-mail: mdmartinez@usp.br. ORCID 0000-0002-1675-3811.

42 Psicóloga (ULBRA), mestre e doutora em Psicologia pela UFRGS. Docente do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Rua Monte Alegre, 984, Perdizes, São Paulo - SP. E-mail: mrwstrelhow@pucsp.br. ORCID 0000-0001-6377-3826.

dida como un intercambio con espíritus durante la vivencia. Aunque una parte significativa de los brasileños cree en la mediumnidad y la experimenta, la Psicología aún no está teórica ni metodológicamente preparada para atender a las demandas de estas personas, manteniendo una postura distante frente al tema. Esta investigación, de carácter cualitativo y exploratorio, tuvo como objetivo investigar cómo adultos que vivieron la mediumnidad en la infancia significaron sus experiencias. Se consideraron aspectos como el contexto donde ocurrieron, los significados atribuidos a las vivencias, la red de apoyo, así como situaciones de sufrimiento y bienestar. Como instrumento, se utilizó una entrevista semiestructurada, aplicada de forma online a tres participantes. La discusión de los datos se llevó a cabo a partir de un análisis simbólico y su articulación con conceptos de la Psicología Analítica. A partir de los resultados, se constató la influencia del contexto para la significación de los fenómenos, siendo el contexto familiar fundamental durante la infancia. Los relatos de sufrimiento y bienestar fueron asociados a las vivencias mediúmnicas con particularidades en cada caso. El análisis de los resultados destacó la necesidad de construir una Psicología más comprometida con la diversidad étnico-religiosa, reconociendo la legitimidad e importancia de estas creencias en la vida del sujeto, y manteniendo la neutralidad religiosa al abordarlas en los estudios y en la práctica profesional.

Palabras clave: *infancia; espiritismo; mediumnidad; psicología analítica.*

Introdução

A Psicologia Analítica, desenvolvida por Carl Gustav Jung, reconhece que as experiências religiosas autênticas são potencialmente benéficas ao funcionamento psíquico. Nesta perspectiva, elas ocorreriam de modo natural, por meio da ação de fatores numinosos na psique e de uma consequente atitude da consciência de atenção e consideração destes fatores. Nesse sentido, os fatores numinosos podem ser experienciados como transcendentes ou maiores que o ego, portanto incontroláveis, a despeito do arbítrio. Por exemplo, Deus, deuses, demônios, espíritos, ideais e ideias representam estes fatores, psicologicamente reais e que estão associados a vivências emocionais intensas, a sentimentos de fascínio e temor que afetam profundamente a consciência (Jung, 1938/2011). Durante a construção de sua obra, Carl Gustav Jung interessou-se profundamente pela religiosidade e salientou a importância das experiências religiosas para o ser humano. Embora esse aspecto possa ser negligenciado por parte da Psicologia, atualmente, o estudo dessas experiências recebeu o interesse legítimo de pioneiros da Psicologia (Ellenberger, 1970; Alvarado, 2020). Jung fez parte desta tradição, interessando-se pelos fenômenos denominados ocultos – por exemplo os mediúnicos (Jung, 1903/2013a). A mediunidade pode ser compreendida como "uma experiência religiosa/espiritual durante a qual os indivíduos, frequentemente chamados de 'médiuns', acreditam se comunicar com (ou servir como intermediários para) espíritos de pessoas falecidas ou outras entidades espirituais" (Maraldi *et al.*, 2023, p.1). Embora o estudo da mediunidade esteja relacionado às origens da Psicologia, foi durante um longo período excluído das discussões acadêmicas (Martinez, 2020). Experiências mediúnicas são expressões subjetivas legítimas, potentes de numinosidade. Elas são associadas à constituição da identidade (Maraldi, 2011), de grupos (Zangari, 2003) e de sentido de vida (Zangari *et al.*, 2017), ao enfrentamento de adversidades (Evrard, 2021) e à saúde mental, desempenhando funções terapêuticas (Maraldi & Zangari, 2012). Nesta acepção, este estudo objetiva resgatar e estimular o estudo psicológico das EAs e das experiências de mediunidade, investigando os significados das experiências de mediunidade infantil, a partir do olhar do próprio sujeito adulto que a vivenciou. A proposta não visou inquirir sobre a ocorrência ontológica destes fenômenos, visto que não cabe ao Psicólogo trabalhar com verdades absolutas; pelo contrário, o mais importante é a própria narrativa do paciente, no caso da psicoterapia (Zangari & Machado, 2022). Esta posição epistemológica é sustentada por Jung ao afirmar que "a psique é a entidade real em supremo grau, porque é a única realidade imediata. É nesta realidade, *a realidade do psíquico*, que o Psicólogo pode se apoiar" (Jung, 2013b, p. 310, §680). Para respaldar a pesquisa, explorou-se as conceituações de Experiências Anômalas (EAs) (Cardeña *et al.*, 2013), dos fenômenos mediúnicos e ocultos na Psicologia, de espiritualidade e religião na Psicologia Analítica e da mediunidade para o espiritismo kardecista.

Contribuições bibliográficas

Experiências Anômalas

O termo "experiência anômala" (EA) é utilizado para caracterizar vivências que divergem "das

experiências comuns, uma vez que não são frequentes ou, ainda que tenham relativamente alta frequência na população, se desviam das explicações científicas disponíveis no momento, não 'cabendo' no paradigma científico vigente" (Cardeña et.al, 2013, p.xvii). Exemplos de EAs são as experiências de quase morte, as experiências de vidas passadas, o sonhar lúcido, as experiências fora do corpo, as experiências de percepção extrassensorial, dentre outras (Cardeña et.al, 2013). A interpretação das EAs é influenciada pelo próprio contingente de valores de quem as vivencia e compreende. Nesse cenário, interpretar as EAs perante um sistema de crenças religiosas específico, fornece uma dada compreensão à vivência (Zangari & Machado, 2022). Por exemplo, em algumas religiões, como no espiritismo kardecista, as experiências descritas são interpretadas como mediunidade - comunicação do médium com o plano espiritual. Nesse âmbito, a mediunidade diferencia-se das EAs ao considerar um elemento sobrenatural durante as vivências, entendendo que há um intercâmbio do sujeito com espíritos ou entidades espirituais (Maraldi & Zangari, 2016). Na sociedade brasileira, a vivência de experiências anômalas está significativamente presente. As pesquisas de Machado (2009), Torres (2016) e Rego (2022), demonstraram, a partir de amostras de conveniência, uma prevalência considerável (todas maiores que 80%) de brasileiros que já vivenciaram, ao menos uma vez, uma experiência anômala. Apesar da relevância dos dados estatísticos apresentados, a Psicologia tem negligenciado essa temática há muito tempo, ressaltando a urgência de se tratar do assunto (Martinez, 2020).

Psicologia e os fenômenos ocultos

Apesar da latência no âmbito científico, o tema da mediunidade já foi, por muito tempo, um forte foco de estudo dos principais autores da área da saúde mental. Jung, em particular, teve parte de sua vida permeada pelos fenômenos denominados ocultos. O autor nasceu em uma família, cuja presença de eventos mediúnicos não era rara, e, ao longo de sua vida, testemunhou diferentes eventos psíquicos, assim como é visto em sua biografia. O teor pouco explorado desses episódios, fez com que ele se debruçasse por certo tempo no estudo dos eventos denominados espirituais (Ellenberger, 1970). Para ele, os fenômenos não seriam patológicos; mas associados à autonomia dos complexos. No caso das investigações com a médium S.W. ou Hélène Preiswerk, a prima materna de Jung, suas experiências seriam compreendidas como invasões dos complexos ideo-afetivos à consciência, fazendo-a agir de forma diferente do seu habitual e revelariam tendências do desenvolvimento futuro da personalidade da médium (Shamdasani, 2020). Ainda que tenha iniciado investigações nessa direção, Jung não se aprofundou no estudo da mediunidade em sua obra subsequente, embora tenha revisitado o caso de S.W. repetidas vezes (Shamdasani, 2020) e acompanhando, em Zurique, até 1905, mais oito médiuns (Jung, 1905/2013c). Outros pioneiros da Psicologia, como William James, Theodore Flournoy e Frederic Myers também se interessaram pelo estudo da mediunidade, formulando compreensões específicas e sustentando posições filosóficas distintas sobre a ocorrência ontológica do fenômeno (Ellenberger, 1970; Alvarado, 2020). Alguns autores envolvidos nesse debate chegaram a sustentar concepções patológicas da mediunidade. Por outro lado, outros fundadores do campo psi, como Wilhelm Wundt, Stanley Hall e Edward B. Titchener se preocuparam profundamente com os potenciais prejuízos do estudo dos fenômenos mediúnicos à Psicologia (Sommer, 2014). Observa-se assim, controvérsias que são naturais na história da ciência e nas diferentes formas de se interpretar a abordar psicologicamente as experiências de mediunidade (Martinez, 2020). Neste contexto histórico, nota-se que os sujeitos médiuns estudados foram adultos, assim como a literatura mais recente também fez (Maraldi, 2011; Delmonte et al, 2016). Até o momento, pouco buscou-se conhecer sobre a mediunidade na infância destes adultos e em crianças diretamente, que também alegam experienciar o fenômeno (Martinez, 2020). O afastamento da Psicologia em relação a essas temáticas consideradas fronteiriças, apenas contribui para a manutenção do ideal de que crenças oriundas de religiões não-convencionais são supersticiosas, o que está no segmento oposto de uma prática psicológica engajada com a diversidade cultural e étnica (Bairrão, 2016). Nesse sentido, é importante que o Psicólogo se faça presente nesses embates e não se silencie frente a tais dinâmicas sociais e culturais, pois a mediunidade é experiência típica e estruturante de subjetividades em alguns destes contextos religiosos não-convencionais. Não cabe a este profissional validar ou invalidar a crença de um sujeito ou a existência de algo sobrenatural. Menos ainda, deveria este converter alguém sobre qualquer

questão religiosa. Mas, comprometido com a pluralidade religiosa e as incidências que isso promove na vida de um indivíduo, o Psicólogo e a comunidade científica devem dar espaço e atenção para o que está sendo expresso nas narrativas espirituais e religiosas e como isto situa a pessoa em sua vida (Zangari & Machado, 2022), em linha com o empirismo radical de William James (1902/2017), que tratava estas experiências como humanas e legítimas. Nesse âmbito, promover estudos no panorama das religiões não hegemônicas é essencial para o comprometimento de uma Psicologia realmente sensível à diversidade cultural, social e histórica presente no território brasileiro (Bairrão, 2016).

Psicologia Analítica, espiritualidade e religião

A Psicologia Analítica considera a espiritualidade como um aspecto relevante para o autoconhecimento e o processo de individuação, a depender de como ela é vivenciada (Jung, 1938/2011). Nesse âmbito, a mediunidade, assim como qualquer outra manifestação ou crença religiosa, pode ou não ser uma experiência benéfica e saudável para o sujeito. Após o nascimento, há uma longa jornada de desenvolvimento do ego, em que a consciência seleciona conteúdos para serem mantidos à luz e outros à sombra a partir dos embates com o externo (Stein, 2006). Apenas depois da trabalhosa jornada de construção da identidade, o ser humano defronta-se com outra tarefa árdua: a junção dos opostos. Esse último processo, denominado individuação, caracteriza-se pela busca da totalidade, da integração dos opostos e melhor diálogo entre a consciência e o inconsciente, sendo um caminho envolto em esforço e sofrimento do ego (Jung, 1916/2021). Assim, no processo de individuação, a vivência de uma espiritualidade autêntica auxilia o ego a enfrentar as contradições, crises e adversidades (Jung, 1938/2011; Tacey, 2001). A busca por um sentido de existir, é o próprio potencial arquetípico – portanto, inerente ao homem. Jung, em sua obra Psicologia da Religião, define que o numinoso é algo inerente à própria constituição do sujeito, vinculado a dinâmicas mais profundas da psique, podendo interferir na consciência sem o controle do ego. Ter uma experiência com o numinoso ocasiona um impacto significativo na consciência, capaz de gerar uma abertura para o mistério, o divino e o sagrado dentro de si - a verdadeira espiritualidade (Jung, 1938/2011). De acordo com Martinez *et al.* (2019):

> Nessa acepção, a espiritualidade promove a saúde quando atua como fonte para a modificação da atitude consciente, decorrente das manifestações simbólicas do inconsciente. Quando isso ocorre, a consciência se amplia e mais potenciais de cura, advindos das próprias feridas, estarão à disposição da pessoa em seu processo de individuação. Ao fornecer sentido para enfrentar as adversidades, a espiritualidade auxilia na orientação frente às questões da vida, possibilitando a construção de uma cosmovisão tanto coletiva e ancestral, quanto individual. (p.107)

Diante disso, a religião pode ou não proporcionar o contato com a espiritualidade, a depender da experiência particular do sujeito. Caso ela não provoque a inibição da vida ou não seja vivida pelo ego como um subterfúgio no confronto com a sombra, por exemplo, a vivência religiosa pode ser um elemento vitalizador da psique, fornecendo sentido para períodos de crises, dificuldades existenciais e, dessa maneira, agindo como um meio contato com as expressões do inconsciente (Martinez et al, 2019).

Mediunidade para o espiritismo kardecista

Ao estudar experiências religiosas, no recorte desta pesquisa, é importante que se conheçam os aspectos centrais da visão de homem e de mundo que dão sentido a elas. Dessa forma, ressaltam-se a seguir algumas considerações para melhor compreensão dos resultados da investigação. A doutrina espírita foi fundada na França por Allan Kardec no final do século XIX, a partir da codificação de cinco obras básicas que vieram compor a sua fundamentação. Uma de suas principais crenças é a reencarnação, entendendo que o espírito, imortal, passará por um processo evolutivo ao longo de sucessivas existências, com o objetivo de alcançar o aperfeiçoamento moral e espiritual. Para os espíritas, a caridade fraterna é essencial, havendo o incentivo de que ela componha a atitude dos frequentadores, seja trabalhando para ajudar os necessitados "encarnados", seja amparando os espíritos desencarnados sofredores (Arribas, 2008). A respeito da mediunidade, Kardec (1861/2016) expõe que "todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos espíritos, é, por esse facto, médium" (p. 153). Para o espiritismo, todos nascem com tal faculdade, sendo que alguns as desenvolvem espontaneamente e outros não. Uma consideração importante é de que todos os médiuns estão sujeitos a sofrerem processos de obsessão: domínio e influência

negativa que alguns espíritos mal-intencionados podem exercer sobre as pessoas. Assim, a faculdade exige grandes responsabilidades, demandando um processo de instrução e estudo (Kardec,1861/2016). Na fase infantil, a recomendação é de que não se provoque ou excite a mediunidade, visto que os organismos das crianças ainda são frágeis e delicados e a mente ainda é exposta à inexperiência. Por outro lado, é descrito que não há problemas naquelas crianças em que a mediunidade se desenvolveu de forma natural, uma vez que diz respeito a algo da sua própria constituição física. Ainda assim, estão expostas à influência de espíritos mal-intencionados. Por isso, a criança com faculdades mediúnicas é aconselhada a exercê-la apenas sob a orientação de pessoas experientes, a fim de que reconheça a importância da sua mediunidade e saiba ter respeito pelas almas que entrar em contato (Kardec, 1861/2016).

Método

O estudo é qualitativo com caráter exploratório. Assim, recorreu-se à Psicologia Analítica, por meio da compreensão simbólica de vivências subjetivas (Penna, 2003). Diante disso, a proposta não foi proporcionar a generalização dos resultados, mas angariar uma visão ampla do tema e complexificar a percepção a respeito dele, a fim de realizar uma aproximação inicial. Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa foi investigar como adultos que vivenciaram a mediunidade durante a infância, significaram suas vivências até os dias atuais, tendo em vista os possíveis atravessamentos. Como objetivos específicos buscou-se analisar: o impacto do contexto; o significado dado à experiência mediúnica; a rede de apoio que a pessoa teve para significar a sua experiência e vivenciar o processo; e as situações de sofrimento e bem-estar relacionadas à experiência.

Participantes

A investigação foi realizada com três adultos nomeados de forma fictícia como: Igor, Lara e Dona Elci. A amostra foi não probabilística e intencional, uma vez que os participantes foram convidados a partir do contato com algumas pessoas que frequentam centros espíritas kardecistas. Os critérios de inclusão para a participação na pesquisa foram: ter vivenciado a mediunidade, pelo menos, até os 12 anos de idade; idade igual ou superior a 18 anos; aceitar participar da pesquisa e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Instrumento e coleta dos dados

Foi realizada uma entrevista semiestruturada com cada participante, utilizando-se de um roteiro flexível (Castro & Oliveira, 2022), adaptado de Maraldi (2011), refinada por especialista no campo. Os participantes responderam inicialmente questões sociodemográficas (idade, gênero, religião, estado civil, escolaridade, profissão e cidade de residência), e, na sequência, as questões sobre o tema da pesquisa. As entrevistas ocorreram *on-line* via *Google Meet*. Os áudios foram gravados e transcritos literalmente para a análise.

Procedimentos de análise

Realizou-se uma análise simbólica dos relatos. Para Jung, os símbolos unem aspectos conscientes e inconscientes que precisam ser integrados em dado momento, sendo fundamentais para regulação da psique (Jung, 1954/2013c). Diante disso, parte da análise consistiu na tentativa de evidenciar os símbolos coletivos e individuais que emergiram nos relatos das experiências – uma análise simbólica propriamente dita. Ademais, outra parte da análise referiu-se à própria articulação dos conceitos da Psicologia Analítica com as experiências associadas à mediunidade dos participantes.

Procedimentos éticos

Em comprometimento com o bem-estar e a segurança dos participantes, foram seguidas as disposições presentes na Resolução número 466 de 12/12/2012 relacionadas pelo Conselho Nacional de Saúde, complementada pela 510/2016. O estudo foi submetido à análise e avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos-CEP da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e foi aprovado pelo CAAE: 6.485.259.

Resultados e Discussão

Dados da história de vida dos participantes

Igor

Igor é um homem de 31 anos, espírita, casado e engenheiro agrônomo (pós-graduação completa). Na infância, vivenciou a mediunidade auditiva (ouvir a voz dos espíritos, seja voz interior, seja voz clara e externa), sendo que, posteriormente, desenvolveu

também a vidência (ver espíritos) e falante (emprestar o órgão da palavra para um espírito que quer se comunicar). A experiência mediúnica de Igor começou na infância e tornou-se perceptível por volta dos oito anos, quando passou a ouvir uma voz interna que associava à intuição, orientando suas ações cotidianas. Relatou que também ouvia vozes externas, identificadas como de "amigos espirituais" [sic], mas acreditava que eram "coisas da sua cabeça" [sic], percepção compartilhada por sua mãe. Nessa época, chegou a procurar benzedores da Igreja Católica em busca de explicações. Aos 12 anos, começou a questionar essas vivências, embora sem compreendê-las plenamente. Cerca de três anos depois, passou a frequentar um centro espírita kardecista por influência da família, apesar do receio inicial. Com o tempo, envolveu-se nas atividades da casa, estudou seus fundamentos e passou a interpretar suas vivências infantis como manifestações mediúnicas. A partir de então, desenvolveu outras formas de mediunidade, como a vidência e, nos últimos três anos, a incorporação.

Lara

Lara é uma mulher de 52 anos, espírita, divorciada e trabalha como jornalista (pós-graduação completa). Durante a infância, vivenciou a mediunidade falante, vidência e auditiva e na idade adulta desenvolveu também a psicografia (espíritos escrevem por intermédio da mão do médium). A experiência mediúnica de Lara teve início na primeira infância. Aos dois anos, após um desmaio do qual não despertava por nenhum estímulo, sua avó paterna, espírita, a tomou nos braços e conversou com um espírito que, segundo ela, estaria influenciando o seu corpo. Nessa mesma fase, relatou que também era vista por terceiros conversando com o avô já falecido. Ao longo da infância, Lara via figuras ao se deitar para dormir, o que lhe causava medo e a levava a procurar a cama dos pais. Essas visões ocorriam apenas no ambiente doméstico e durante a noite. Apesar de seu pai ser espírita e sua mãe simpatizante, ambos atribuíam essas experiências à imaginação infantil. Lara contou que aos seus oito anos, sua mãe cometeu suicídio e as figuras que via a noite diminuíram, reduzindo seu medo. Hoje, ela entende que as figuras vistas eram espíritos ligados à mãe. Aos 10 anos, mudou-se de cidade com o pai. A nova casa tinha uma grande biblioteca, onde gostava de ler e folhear livros. Relatou que, caso se concentrasse muito, conseguia projetar-se para fora do corpo – fato que hoje entende como um desdobramento, característico da mediunidade falante. Aos 11 anos, durante um momento em que se permitiu devanear e seguir sua intuição, teve contato com os livros espíritas, e, ao lê-los, entendeu que os fenômenos que lhe ocorriam eram mediunidade. Aos 18 anos, passou a frequentar um centro espírita por conta própria, integrando-se às atividades e desenvolvendo novas formas de mediunidade. Atualmente, afirma ter maior controle sobre suas capacidades mediúnicas, direcionando-as às práticas da casa espírita.

Dona Elci

Dona Elci é uma mulher de 80 anos, espírita, viúva e professora aposentada (Ensino Fundamental I completo). Na infância, desenvolveu a mediunidade auditiva e vidência, as quais se mantiveram por toda a vida. Relatou que sua mediunidade começou aos sete anos. Foi seu pai, espírita e médium, quem a orientou e lhe transmitiu a informação de que suas experiências eram fenômenos mediúnicos - sua mãe já havia falecido. Na infância, a adaptação a essas experiências lhe causava sofrimento, sendo o apoio do pai fundamental. Aos 10 anos, passou a participar de reuniões mediúnicas e relatou que, a partir deste momento, adquiriu mais controle. Elci também fazia visitas voluntárias a pessoas doentes e necessitadas para orar por elas. Casou-se aos 13 anos e tornou-se professora, profissão que exerceu por 25 anos. Na época da entrevista, Elci era aposentada e continuava vivenciando manifestações mediúnicas. Mesmo já tendo controle frente às suas mediunidades, relatou que ainda tinha certo receio de algum dia não o ter.

Análise

Contexto

A partir dos materiais coletados, buscou-se identificar o papel que o contexto teve tanto na ocorrência, como também na compreensão dada à vivência mediúnica nos casos em destaque. No que tange à causalidade do contexto para a ocorrência dos fenômenos, não foi possível obter qualquer especulação ou comprovação de que o contato prévio com estes fenômenos poderia predispor a sua ocorrência na situação dos participantes. Para Igor, este contato nem mesmo havia ocorrido. Em relação à Lara, apesar de seu pai ser espírita, ele não a influenciava no âmbito religioso e, ainda, conforme seu relato, os fenômenos iniciaram-se aos seus dois anos, idade bem inicial

do desenvolvimento psíquico. Na situação de Dona Elci, seu pai era espírita e médium, permitindo-lhe ter contato com os fenômenos previamente. Todavia, não cabe atribuir uma relação causal, visto que seria desconsiderar um sistema de crenças e valores que a própria participante forneceu aos eventos. A Psicologia Analítica considera que a psique se orienta a partir de dois princípios: causal e final (Jung, 1916/2021). Portanto, ao invés de reduzir a investigação dos fenômenos à busca de uma causa primária para sua ocorrência, parte se do ponto em que já se depara com o momento presente: um participante que relata a vivência deste fenômeno na infância e já o compreende a partir de um contingente de valores. Diante disso, é mais relevante trabalhar com os significados e atravessamentos subjetivos desta experiência que já é dada como real para a pessoa, do que adotar qualquer outra postura generalista e causal, a qual poderia dar um teor patologizante às manifestações. No que tange à compreensão dada ao fenômeno, identificou-se que durante a infância, os três buscaram no contexto familiar uma resposta interpretativa para o que vivenciavam. No caso de Igor e Lara, contudo, o contexto familiar não forneceu uma explicação satisfatória às suas próprias inquietações. Diante disso, mais adiante em suas trajetórias, recorreram ao contexto religioso para buscar respostas, onde encontraram uma estrutura interpretativa que era coerente para eles. A religião, nesse sentido, auxiliou no processo de significação e compreensão dos fenômenos, constituindo-se como um espaço de acolhimento e reorganização do vivido. Pelo contrário, na situação de Dona Elci, o pai prontamente interpretou os eventos que lhe ocorriam como mediúnicos, compreensão que foi incorporada por ela desde então. Nesse sentido, o contexto familiar parece ter fornecido uma base que foi clara e consolidada para ela. Paralelamente, o contexto religioso apenas reafirmou e manteve essa compreensão, dando continuidade à significação realizada pelo âmbito familiar.

Significado

Com relação aos significados objetivos, os participantes compreendem a mediunidade a partir da própria definição do espiritismo. Para além dela, vale considerar as narrativas das experiências, as quais, ao serem aprofundadas, revelam um terreno rico de símbolos subjetivos e arquetípicos que são de fundamental importância para ampliação de suas vivências. Igor abordou um significado subjetivo à mediunidade ao relatar um processo de desorganização interna vivenciado no período em que precisou se afastar da casa espírita por demandas profissionais, ele afirma:

> . . . eu sou como uma enxada. Se eu deixar ela paradinha, ali, no tempo ela vai enferrujar e ela vai adoecer. Agora, é incrível você pode olhar aí em qualquer fazendeiro e qualquer cara que cuida de jardim aí para os outros. Se a enxada dele trabalha, ela nunca enferruja. Isso é como eu e a minha relação com a mediunidade. Se eu trabalhar, eu vou ficar muito bem tanto na vida profissional, pessoal, no relacionamento com os meus familiares. Agora, se eu não trabalhar, tudo vem à tona, tudo, é impressionante. (sic)

Igor é um engenheiro agrônomo, e, nesse cenário, a enxada adquire um cunho simbólico particular. Os símbolos são elementos dotados de carga emocional e que podem revelar aspectos desconhecidos fundamentais a respeito de nós mesmos (Jung, 1954/2013c). Neste sentido, ao simbolizar-se como uma enxada em sua relação com a mediunidade, Igor expressa as polaridades dessa relação. Por um lado, frente às dificuldades ocasionadas pela mediunidade, ela carrega o peso do trabalho e da disciplina. Por outro lado, compreende-se que a atividade mediúnica é promotora de sentido e conexão. Outro relato relevante apareceu na entrevista com Lara: "Eu acho que a mediunidade é uma possibilidade a mais da gente ajudar os outros. Ela não é algo extraordinário, mas ela permite que a gente ajude o outro . . .". (sic) A perspectiva de Lara também esteve presente nas entrevistas de Igor e Dona Elci, configurando uma forma de exercício da alteridade, fundamental para o desenvolvimento de uma postura não centrada no ego. Psiquicamente, uma atitude não centrada no ego significa uma consciência aberta ao diálogo com conteúdos que não necessariamente lhe pertencem, possibilitando abertura e diálogo com o inconsciente. A vivência da espiritualidade caminha junto a essa dinâmica: uma psique capaz de sacrificar o ego de maneira consciente, permitindo ser transformada pela profundidade de uma experiência numinosa e, assim, aproximar-se do sagrado e do divino dentro de si (Tacey, 2001). Assim, na trajetória dos participantes, a mediunidade atuou não apenas como fenômeno religioso, mas como elemento estruturante de um processo transformador. Além disso, a experiência mediúnica também remete à imagem arquetípica do

curador-ferido, usualmente representado pela figura de Quíron, um centauro de natureza animal-humana-divina que, ferido em batalha, adquiriu uma ferida incurável. Por ser imortal, foi condenado a conviver eternamente com essa ferida, desenvolvendo o dom de curar a partir da convivência com o próprio sofrimento (Penna, 2005). Analogamente, a mediunidade para o espiritismo, é considerada uma ferramenta de trabalho que acompanha o médium por toda a sua encarnação, implicando em sofrimentos e responsabilidades (Kardec, 1861/2016), que podem ser simbolicamente comparados a uma ferida incurável. Para os participantes, a experiência advinda de suas próprias dificuldades lhes fornece embasamento e empatia para auxiliar os espíritos encarnados ou desencarnados - feridos - durante os atendimentos fraternos, conferindo-lhes, neste momento, o papel de curadores.

Outra analogia possível com os relatos refere-se ao sofrimento inicial dos participantes com a doença iniciática das sociedades xamânicas. De acordo com os depoimentos, o processo de moldagem da mediunidade, para que possam orientar os espíritos durante as reuniões mediúnicas, envolve sofrimento e renúncia. Similarmente, nas sociedades xamânicas, aquele que assumirá o papel de xamã – curandeiro, sacerdote, conselheiro, mediador dos conflitos, que se conecta com os ancestrais e o divino – precisa passar por um processo iniciático com provas de resistência física, psíquica e espiritual (Natel, 2016). A respeito do sofrimento inicial, também pode-se pensar em dinâmicas arquetípicas, como a jornada do herói. A trajetória inicia-se quando o herói recebe um chamado para uma aventura que o impede de permanecer em seu mundo habitual. Diante disso, ele é posto à prova, passando por diversos desafios até poder obter sua recompensa e voltar ao seu meio (Campbell, 1949/2007). Nas entrevistas com os participantes, tal elemento exemplifica-se nos relatos de sofrimento da infância decorrentes das experiências mediúnicas – o chamado para o desafio – que exigiram deles, posteriormente, um longo processo de estudo, trabalho e disciplina para que pudessem moldar sua mediunidade e aprender a conduzi-la da forma adequada. A fala de Igor exemplifica:

> Então, para você ver a diferença de quando você esculpe essa mediunidade de quando você não esculpe. É, aos 12, 13 anos eu ouvia as vozes, eu não entendi o que que era eu, simplesmente, ah, coisa da minha cabeça, continua, ah, isso aí não é nada, não vai. E dava, dava problema, né? Agora não, agora eu com estudo, com o amparo espiritual, né? Com o desenvolvimento, eu consigo ir além, eu vejo a mais, né? O meu leque de visão de abrangência ficou maior. (sic)

Mesmo após o sucesso do primeiro desafio do herói, ainda haverá outros que o colocarão à prova (Campbell, 1949/2007). Nesse contexto, enquadram-se, por exemplo, os processos de desregulação mediúnica, que demandam a busca por tratamento espiritual. Assim, o herói transforma-se e renasce, podendo voltar a conviver com o mundo comum, possuindo mais integração e entendimento (Campbell, 1949/2007). Por exemplo, Igor afirma que:

> . . . isso mudou muito a minha vida é... tanto em crescimento pessoal como crescimento, é de ser humano. É de entender que não sou só eu, que passo por situações difíceis e que precisa de ajuda, mas também as outras pessoas. Então eu entender isso e ter a compreensão de que várias questões difíceis que eu vou passar hoje, são pro meu crescimento, né? E se eu não passá-las eu vou ter que passar num próximo momento, né? Pra eu vencer as barreiras que eu mesmo criei dentro de mim certo? (sic)

Igor descreve como a mediunidade lhe gerou uma maior aceitação do próprio sofrimento, fato que lhe proporcionou crescimento pessoal e como ser humano. Ao destacar duas dimensões de crescimento, evidencia-se a mediunidade como propulsora de transformação em sua vida. Em termos psicológicos, é como se o exercício da mediunidade estivesse à serviço do processo de individuação de Igor, em que questões desafiadoras podem retornar novamente em momentos futuros. Em outras palavras, é por meio da mediunidade que Igor tem a oportunidade de buscar maior integração e totalidade. Tal consciência reforça o caráter transformador e numinoso de sua vivência mediúnica, marcando-a como uma experiência de grande impacto em sua trajetória subjetiva.

Rede de apoio

A respeito da rede de apoio, evidenciou-se tanto algumas similaridades quanto diferenças nos relatos. Igor relatou uma frustração relevante até os 15 anos decorrente da falta de um viés interpretativo a respeito dos fenômenos que ocorriam com ele. Como exemplo, o participante expôs tanto a falta de explicações que ele tinha nas crenças da Igreja Católica

(religião que seguia na época), como também a compreensão da mãe de que se tratava de "coisas da sua cabeça" [sic]. Ao ser questionado sobre como sua mãe recebia os fenômenos que ocorriam com ele e, posteriormente, como se sentia frente a postura materna, Igor disse:

> Então, é... pra uma pessoa te acolher ela tem que ter embasamento, né? Então minha mãe ficava meio que perdida. É... ah, isso é coisa da sua cabeça, meu filho, não, não pensa assim, não, entendeu? Não é... esquece isso, deixa pra lá. Até o momento em que a gente teve o amparo espiritual da doutrina espírita, mas antes disso era mais ou menos nesse sentido. Ah, esquece, isso não... é faz o que seu coração mandar . . . Frustrado, frustrado. Porque eu sentia, eu vivenciava e não tinha uma resposta pra aquilo. Então eu fui muito frustrado na minha infância, sabe?. . . (sic)

O relato de Igor demonstra não ter encontrado inicialmente na rede de apoio um sentido e uma interpretação que o satisfizesse internamente. Apesar da frustração vivenciada na infância, Igor deu ênfase em como o contato com o estudo espírita, aos 15 anos, lhe ajudou a superar a frustração experienciada anteriormente. Lara, até seus 11 anos, quando começou a ler obras da doutrina espírita por conta própria, não havia recebido uma base interpretativa a respeito dos fenômenos que aconteciam com ela, sendo que seu pai atribuiu responsabilidade à própria fantasia infantil. A entrevistada relatou ter sofrido bastante com medo e insegurança durante a infância. Ao ser questionada sobre como ela se sentia em relação à forma que seus pais reagiam a respeito de suas visões ela diz: "É, então eu me sentia insegura. Porque eles não conseguiam barrar aquilo que acontecia comigo. Eu me sentia é... com muito medo, insegura, com muito medo e isso perturbava o dia, porque à noite ia chegar, né?" (sic). Mais uma vez, evidencia-se a presença de uma rede de apoio, mas com a impossibilidade desta rede ser eficiente de forma a dar uma base interpretativa capaz de amparar as inquietações da criança. Apesar da presença e acolhimento familiar, foi apenas através dos conhecimentos da doutrina espírita a respeito dos fenômenos que houve um apaziguamento das inseguranças de Igor e Lara. Diante disso, retoma-se o fato de que, para os participantes, a prática religiosa pode ter sido uma experiência numinosa, que lhes permitiu encontrar um sentido maior para suas vivências – coletivo e pessoal (Jung, 1938/2011). Já no caso de Dona Elci, o pai foi responsável por acolher suas vivências na infância e oferecer orientações que proporcionaram uma base interpretativa suficiente para ela. Elci expressa profundo afeto pela figura paterna, destacando a importância do seu apoio como uma pessoa de suporte e segurança:

> Aí o que é que aconteceu? Aí o papai levantava, ia ficar comigo, rezar o pai nosso comigo. Então eu não tinha sete anos completo. Aí, dessa época para cá, os espíritos foram me usando assim, com um tipo de abuso, só que eu estava junto com meu pai. Meu pai, como diz, era analfabeto, mas era muito... Os espíritos comunicavam muito com ele, aí eles falavam, minha filha, isso é assim, assim, assim, isso é do estudo. Isso é mediunidade, tem que esperar a idade para poder trabalhar né? (sic)

Ainda assim, vale destacar que, em outros momentos relatados por Dona Elci, foi possível evidenciar uma certa disfuncionalidade na relação. Por vezes, seu pai requisitava que não fosse para a escola a fim de que ajudasse algum necessitado, o que a desagradava. Ao mesmo tempo, percebe-se que seu pai, por vezes, não ouviu as vontades da própria filha. Desta forma, apesar do vínculo e acolhimento do seu pai terem sido importantes, ele pode ter adquirido nuances disfuncionais quando a limitou de vivenciar experiências infantis que ela mesma gostaria.

Sofrimentos

As entrevistas evidenciaram que os três participantes tiveram momentos de sofrimento em decorrência da experiência mediúnica. Conforme já foi mencionado, na infância, Igor e Lara relataram sofrimentos relevantes como frustração, medo e insegurança. Dona Elci relatou medo de não conseguir diferenciar as sensações e pensamentos que lhe eram próprios e, também contou sobre alguns momentos em que chorou devido ao que ocorria com ela por se sentir diferente de outras crianças. Estes conteúdos revelaram seu viés traumático e de forte carga afetiva. Em termos psíquicos, o trauma não diz respeito ao evento externo desencadeador; mas ao que acontece no mundo interno do indivíduo frente a ele. Enquanto não é resolvido, são consteladas dinâmicas psíquicas poderosas e inconvenientes, como, por exemplo, emoções desagradáveis, narrativas

neuróticas e sintomas corporais (Maté & Maté, 2023). A Psicologia Analítica reconhece que o inconsciente pessoal é formado por complexos. Todo complexo possui uma energia própria, sendo capaz de exercer influência sobre a consciência quando está energicamente carregado. As experiências da vida do sujeito, quando estimulam suficientemente um complexo, deixam o ego refém de uma força superior à sua própria vontade, levando o sujeito a ter reações emocionais e físicas que não teria usualmente (Stein, 2006). A fragilidade do ego infantil, ainda incipiente e em constituição, apenas traz um teor mais preocupante a esta dinâmica psíquica, visto que há um ego vulnerável com a pressão de integrar conteúdos que podem ser intoleráveis para a consciência (Stein, 2006). No caso dos participantes, os eventos mediúnicos da infância parecem ter sido, de certa forma, traumáticos — percepção que se evidencia nos sentimentos e sensações relatados em relação àquele período. Tais experiências apenas parecem ter diminuído o teor traumático quando os participantes puderam ressignificá-las internamente, a partir do contato com as explicações do espiritismo, que, para os participantes, trouxeram sentido. Diante disso, pode-se pensar que tais complexos se desenergizaram, uma vez os participantes foram capazes de conferir significado ao que viveram, e a energia psíquica, antes aprisionada, pôde ser direcionada para outros conteúdos. Ressalta-se que houve relatos de dificuldades em relação à mediunidade para além do período infantil. Nestes casos, o diferencial traduzia-se na forma de enfrentamento e entendimento da experiência. Igor, por exemplo, contou sobre um período em que precisou afastar-se da doutrina espírita por seis meses, devido a compromissos profissionais. Nesse tempo, passou por turbulências internas [sic] fortes, em detrimento do que ele interpretou como um processo de obsessão. Por isso, precisou realizar um tratamento espiritual na casa espírita e, em seu cotidiano, começou a estudar constantemente. De acordo com ele, tal processo se desencadeou de forma bem-sucedida, Igor afirma que:

> . . . eu esgotei ele até chegar ao ponto de que não eu, eu também preciso disso, já que ele buscou, é o amparo dele, eu também vou buscar o meu. Então eu vi, né, os amigos espirituais colocando ele na maca, eu tirei o chapéu dele, dei um beijo na testa dele, né? Ele não, vai com Deus, eu te entendo, também estive assim, mas que é daqui pra frente a gente vai se ajudar muito. Então, ele está sendo tratado no plano espiritual agora, né? E eu, e eu é que assim, mudou de água para o vinho. (sic)

De acordo com o depoimento de Igor, o sofrimento vivenciado pela obsessão teve uma resolução positiva tanto para ele, como também para o espírito obsessor. A partir da Psicologia Analítica é possível supor que o afastamento de Igor das atividades religiosas interpôs uma barreira em um fluxo natural de energia já existente na sua psique. Apesar de dispormos de uma quantidade disponível de energia psíquica, a consciência apenas consegue mantê-la direcionada conforme sua própria vontade durante certo período de tempo, uma vez que a energia busca satisfazer suas próprias exigências e seguir seu próprio fluxo (Jung, 1916/2021). Igor, neste momento de sua vida, concentrou-se apenas em ocupações profissionais (racionais), deixando de lado este outro fluxo – irracional – que sua mente já possuía. Assim, a energia psíquica que antes era destinada a atividades de cunho religioso perdeu seu movimento natural e deparou-se com uma barreira, podendo ter gerado o que Igor denominou de "turbulências internas" [sic]. Com o posterior retorno às atividades religiosas, os potenciais espirituais puderam ir retomando seu fluxo natural, e a psique pôde restabelecer seu equilíbrio. De forma similar, as outras duas participantes também mencionaram processos de sofrimento em detrimento das suas faculdades mediúnicas em outros períodos da vida, mesmo que já tivessem estabelecido uma compreensão e manejo em relação a elas. Diante disso, reincide-se na relevância de se ampliar o arcabouço científico a respeito desta temática.

Bem-estar

Como aspecto comum, os três participantes trouxeram a vivência mediúnica como uma forma de trabalho para o auxílio de outros espíritos (encarnados ou desencarnados), o que, segundo eles, lhes conferiam satisfação e bem-estar pessoal. Contudo, também foi possível evidenciar processos benéficos particulares obtidos por meio da mediunidade. Nesse cenário, vale destacar uma fala de Lara:

> Me permitiu assim aprender coisas importantíssimas com pessoas que precisavam de muita ajuda. E me educou em muitas coisas, né? Assim, como é que eu tenho que ver a minha vida? Como é que eu vivo a minha vida pra chegar lá do outro lado bem, pra chegar com saúde

> mental, pra chegar é sendo útil. Então é uma eu acho que é uma forma de você ser útil.

O relato apresenta questionamentos reflexivos de Lara, que aos 52 anos, encontra-se na segunda fase da vida – a Metanoia. Nessa fase, a psique é convocada a voltar-se para o mundo interno, a fim de revisitar seus valores e reconhecer os opostos antes negligenciados. Segundo Jung, negar tal processo, pode gerar neuroses graves e atravancar o desenvolvimento psíquico (Jung, 1916/2021). O depoimento de Lara indica uma entrada funcional nesse ciclo, evidenciada pelo cultivo de reflexões que buscam um sentido para sua existência, ao mesmo tempo que demonstra uma abertura à ampliação da postura consciente. A vivência mediúnica parece ter atuado como facilitadora deste mergulho interior, desempenhando um papel fundamental para seu bem-estar. Ademais, faz-se necessário destacar dois relatos de processos de luto: um em que Igor conta sobre o falecimento de sua avó e outro em que Lara conta sobre a perda de seu pai. Narra Igor:

> Eu pude perceber ela sendo amparada, né? Lá dentro do cemitério é... a gente fala do desligamento corporal. Eu pude presenciar esse desligamento, né? Eu não vi as pessoas que estavam é... não tive a oportunidade de ver as pessoas que estavam buscando. É aqueles entes queridos desencarnados. Mas eu vi uma tia minha que já desencarnou buscando ela. Então é, foi um momento muito bonito sabe, para mim . . . (sic)

Narra Lara:

> . . . Mas eu tinha muita intuição assim, sentia muita, muitas presenças, é... Então era uma forma também, era muito aconchegante perceber que ele tava se desprendendo, mas que isso não estava acontecendo sem o amparo. É... tinha uma atmosfera muito, muito, muito boa . . . (sic)

O luto proveniente da perda de um ente querido é um processo árduo e demandante. Os trechos destacados parecem demonstrar um segmento oposto. Os participantes contaram que, pela sua mediunidade, puderam perceber os seus familiares sendo amparados. As experiências mediúnicas parecem ter contribuído positivamente ao favorecer uma maior aceitação de suas perdas familiares. Ainda, a crença deles na imortalidade da alma também pode ter contribuído para amenizar o processo de luto, ao oferecer um outro sentido à perda. Lara também relatou outras situações de bem-estar devido à sua intuição proveniente da mediunidade, ela afirma que:

> . . . Muitas vezes . . . eu permito que a minha intuição me leve a buscar algo diferente pra solucionar uma questão . . . Muitas vezes eu tô dentro do Congresso Nacional e me deixo andar, nessa andada que eu dou eu encontro a pessoa que eu preciso ou alguém me conta informação que faz a diferença pro meu cliente. Então esse se permitir acreditar na intuição, ele veio muito de eu aprender que sim, eu tenho uma intuição que ela é importante, que se bem usada, usada pro bem, eu vou ser auxiliada. Então eu me permito muitas vezes me perder . . . Muitas vezes eu me deixo me perder, divagar, para ver outras coisas. (sic)

Jung dedicou-se ao estudo de eventos que, em uma lógica causal, não haveria qualquer explicação. A estas constatações, deu o nome de sincronicidade, caracterizando-as como situações de simultaneidade entre eventos psíquicos e físicos, os quais, pensando em um universo aleatório, seriam estatisticamente improváveis. Tais eventos tendem a ocorrer com maior frequência em estados de rebaixamento da consciência, como nos sonhos e devaneios, podendo representar experiências transformadoras, capazes de impulsionar novos direcionamentos nas trajetórias de vida de quem as vivencia (Jung, 1951/2018). O relato de Lara parece ocorrer de forma similar à descrição de Jung. Lara discorre sobre deixar-se divagar, perder em si mesma – rebaixamento da consciência – sendo, então, encaminhada para o encontro de algo que precisava para solucionar alguma questão. Tais eventos parecem ser presentes e importantes em sua vida ao possibilitar resoluções e novos direcionamentos no âmbito profissional, fato que lhe fornece bem-estar e sentido. Igor também ressaltou a presença e a relevância da intuição no direcionamento de sua vida, sendo que também a caracterizou como fruto da sua mediunidade. Para Psicologia Analítica, a intuição caracteriza-se por uma função psíquica capaz de antever eventos, sendo que tal tipo de percepção não se passa exatamente pelos sentidos, mas registra-se a nível inconsciente (Jung 1921/2015). Para futuras pesquisas, vale investigar se estas pessoas que vivenciam a intuição como parte da sua mediunidade, também não a possuem como função ectopsíquica primária, a fim de ampliar o arcabouço de

conhecimento científico a respeito de fenômenos ainda muito insondados.

Conclusão

A pesquisa realizou três entrevistas semiestruturadas para investigar como adultos que vivenciaram a mediunidade na infância significaram as suas vivências até os dias atuais. Foi possível evidenciar uma influência significativa do contexto religioso na forma com que os participantes interpretaram suas EAs. Os fenômenos mediúnicos, especialmente os que passaram a ser contextualizados no espiritismo, parecem ter atuado como mediadores do contato com o numinoso, uma vez que forneceram um sentido pessoal e, ao mesmo tempo, coletivo. As vivências conferiram-lhes propósito para enfrentar a realidade e as dificuldades a partir de uma postura não centrada no ego, o que permite uma maior abertura para a ampliação da consciência - fundamental para o desenvolvimento psíquico. Mesmo com a interpretação dos fenômenos a partir da ótica espírita, houve significados que emergiram das próprias experiências subjetivas, o que possibilitou a ampliação de símbolos pessoais e coletivos. Os episódios de sofrimento e bem-estar manifestaram-se de forma particular pelos participantes, mesmo tendo alguns aspectos morfológicos similares, como a forma de mediunidade ou o sofrimento associado ao início dos fenômenos. Diante disso, uma conduta ética do Psicólogo seria reconhecer e estudar estas temáticas fronteiriças, para que todas as crenças possam ser contempladas com um trabalho terapêutico embasado e congruente. A Psicologia deve perceber a legitimidade e a importância que tais crenças têm na vida do próprio sujeito, acolhendo suas dificuldades e crescimentos pessoais (Zangari & Machado, 2022). Nesse sentido, esta pesquisa buscou proporcionar material empírico para a atuação prática e ética da Psicologia em comprometimento com a diversidade étnico-religiosa brasileira. Para pesquisas futuras, incentiva-se a realização de entrevistas diretamente com crianças que vivenciam os fenômenos no tempo presente, estudos longitudinais e de métodos mistos, visto que podem alcançar enriquecimentos ainda maiores a respeito da temática, em prol da população que passa por este tipo de experiência.

Referências

Alvarado, C. S. (2020). Dissociation and the Unconscious Mind: Nineteenth-Century Perspectives on Mediumship. **Journal of Scientific Exploration**, 34 (3), 537-596. doi: 0892-3310/20

Arribas, C. D. G. (2008). **Afinal, espiritismo é religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira (Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo). https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-05012009-171347/pt-br.php

Bairrão, J. F. M. H. (2016). Psicologia e práticas espirituais: Diálogos e fronteiras. *In*: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, **Na fronteira da Psicologia com os saberes tradicionais:** práticas e técnicas, 2, 21-28.

Campbell, J. (2007). **O herói de mil faces** (A. U. Sobral, trad.). 11a. ed. Cultrix Pensamento. (original publicado em 1949).

Cardeña, E., Lynn, S. J., & Krippner, S. (2013). Experiências Anômlas em Perspectiva. *In*: Cardeña, E., Lynn, S. J., & Krippner, S.. (Orgs.) **Variedades da experiência anômala:** Análise de evidências científicas (F. R. Machado, trad.). Atheneu.

Castro, E. de, & Oliveira, U. T. V. de. (2022). A entrevista semiestruturada na pesquisa qualitativa-interpretativa: um guia de análise processual. **Entretextos**, 22(3), 25–45. https://doi.org/10.5433/1519-5392.2022v22n3p25-45

Ellenberger, H. F. (1970). **The discovery of the unconscious:** The history and evolution of dynamic psychiatry. New York, NY: Basic Books.

Evrard, R.; Dollander, M.; Elsaesser, E.; Cooper, C.; Lorimer, D. & Roe, C. (2021). Exceptional necrophanic experiences and paradoxical mourning: Studies of the phenomenology and the repercussions of frightening experiences of contact with the deceased. **L'Évolution Psychiatrique**, 88(4), e1-e24. https://doi.org/10.1016/j.evopsy.2021.09.001

James, W. (2017). **As variedades da experiência religiosa:** um estudo sobre a natureza humana. (2ª ed.). São Paulo: Cultrix. (original publicado em 1902).

Jung, C. G. (2011). **Psicologia e religião** (M.R. Rocha trad.). Vozes. (original publicado em 1938).

Jung, C. G. (2013a). **Estudos psiquiátricos** (L. M. Endlich Orth, trad.). Vozes. (original publicado em 1903).

Jung, C. G. (2013b). Os fundamentos psicológicos da crença nos espíritos. *In*: C. G. Jung, **A natureza da psique** (M.R. Rocha, trad.), pp.254-273. 10a. ed. Vozes. (original publicado em 1919).

Jung, C. G. (2013c). **A vida simbólica** – volume 1. (A. Elman e E. Orth trads.). 7ª ed. Petrópolis: Vozes. (original publicado em 1954).

Jung, C. G. (2015). **Tipos psicológicos** (L. M. Endlich Orth, trad.) Vozes. (original publicado em 1921).

Jung, C. G. (2018). **Sincronicidade** (M. R. Rocha, trad.). Vozes. (original publicado em 1951).

Jung, C. G. (2021). **Psicologia do inconsciente** (M. L. Appy, trad.). 24a.ed. Vozes. (original publicado em 1916).

Kardec, A. (1861/2016). **O livro dos médiuns**. Petit Editora.

Machado, F. R. (2009). **Experiências anômalas na vida cotidiana:** Experiências extra-sensório-motoras e sua associação com crenças, atitudes e bem-estar subjetivo (Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo). https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-16122009-100608/pt-br.php

Maraldi, E. D. O. (2011). **Metamorfoses do espírito:** usos e sentidos das crenças e experiências paranormais na construção da identidade de médiuns espíritas (Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo). https://teses.usp.br/teses/disponiveis///47/47134/tde-29042011-114125/pt-br.php

Maraldi, E. O. & Zangari, W. (2012). Funções projetivas e terapêuticas das práticas dissociativas em contexto religioso. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, 32(83) p.424-452.

Maraldi, E. de O., & Zangari, W. (2016). A psicologia frente às práticas mediúnicas: da perspectiva patológica à perspectiva psicossocial. *In*: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, **Na Fronteira da Psicologia com os Saberes Tradicionais:** práticas e técnicas, 2, 47-51.

Maraldi, E. d. O., Costa, A. H. C., Cunha, A., Hamazaki, E., Flores, D., de Queiroz, G. P., . . . Farias, M. (2023). Social Support, Help-Seeking Behaviors, and Positive/Negative Affect Among Individuals Reporting Mediumship Experiences. **International journal of Latin American religions**, 7(1), 1-16. doi:10.1007/s41603-023-00197-7

Martinez, M., Kawaguchi, D., de Morais Zacharias, J. J., dos Santos, R. A., & Ribeiro, R. N. (2019). Religião, Espiritualidade e Saúde: uma Exploração Histórico-conceitual na Psicologia Analítica. **Hermes**, 24, 96-109.

Martinez, M. D. (2020). **Dissociação e Mediun(idade) na Infância:** um estudo exploratório a partir da perspectiva psicossocial (Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo) https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-28052020-181845/pt-br.php

Maté, G., & Maté, D. (2023). **O mito do normal** (F. Abreu, trad.). Sextante.

Natel, R. M. G. L. (2016). O curador ferido: xamanismo e psicologia analítica. **Self-Revista do Instituto Junguiano de São Paulo**, 1. Doi: 10.21901/2448-3060/self-2016.vol0.0009

Penna, E.M.D. (2003). **Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de CG Jung** (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15789

Penna, E.M.D. (2005). A imagem arquetípica do curador ferido no encontro analítico. *In*: Joyce Werres. (Org). E**nsaios sobre a clínica junguiana** (p.145-172). Imprensa Livre.

Rego, R. M. L. (2022). **Quando o sobrenatural gera sofrimento:** prevalência e impacto das experiências anômalas na grande São Luís (Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo). https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-31012023-160809/pt-br.php

Shamdasani, S. (2020). 'S. W.' and C. G. Jung: From Mediumship to Analytical Psychology. *In*: E. Voss (Ed.), **Mediality on Trial:** Testing and Contesting Trance and other Media Techniques (pp. 121-142). Berlin, Boston: De Gruyter Oldenbourg. https://doi.org/10.1515/9783110416411-006

Stein, M. (2006). **Jung: O Mapa da Alma:** Uma introdução (5a ed). Cultrix.

Tacey, D. J. (2001). **Jung and the new age.** Psychology Press.

Torres, C. M. (2016). **Religiosidade e experiências anômalas no protestantismo brasileiro** (Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo). https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-17082016-160937/pt-br.php

Zangari, W. (2003). **Incorporando papéis:** uma leitura psicossocial do fenômeno da mediunidade da incorporação em médiuns de Umbanda. 341f. (Tese de doutoramento, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo). https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-05122018-122252/pt-br.php

Zangari, W., & Machado, F. R. (2022). **Fundamentos da psicologia da religião:** aspectos individuais e psicossociais. Editora CRV.

Zangari, W., Machado, F.R., Maraldi, E. O. & Martins, L. B. (2017). Psicologia da Religião e Psicologia Anomalística: aproximações pela produção recente. **Revista Pistis & Praxis:** teologia pastoral, 9(1), p.173-188.